

O Banco de Portugal, moedeiro falso, os seus cúmplices e os seus acusadores dentro e fora do Parlamento

Vimos provando, dia a dia, que os maiores falsificadores de notas, os maiores falsários, os maiores burlões têm sido os governos e o Banco de Portugal. Quando surgiu o escândalo do Angola e Metrópole já os Inocentes, os Mota Gomes e os António Marang da Silva tinham muita prática de falsificações.

Mandar estampar papel sem valor tem sido para aquela gentinha uma banalidade. E depois do crime praticado ficam-se de consciência tranquila devorando uma boa parte do seu produto e contemplando sorridentes a ruína do país.

Essas notas de 500 escudos em cuja passagem o Angola e Metrópole se encontravam, não diferem grandemente, senão nas intenções e nas proporções, das emissões ilegais que o António Maria da Silva, o Mota Gomes e os Inocentes mandavam fazer quando lhes apetecia. Em regra, as notas falsas que estes cavalheiros punham em circulação—e que ainda continuam circulando—destinavam-se apenas a acudir as aflições dos compadres e aos desequilíbrios do Tesouro. Era uma maneira de equilibrar as finanças que ainda mais desequilibrava. Esta emissão em que o Angola e Metrópole interveio, tinha uma finalidade diferente e por isso mesmo é que o Angola e Metrópole foi chamado a intervir nela.

Como se destinava ao financiamento de Angola—que se fosse honestamente posto em prática merecia louvores—foi necessário arranjar uma terceira entidade que distribuisse essas notas naquela província africana, visto que, devido à posição do Banco de Ultramarino perante o Banco de Portugal, não podia este desempenhar-se da espinhosa missão. O Angola e Metrópole interveio. Fizeram-se contratos, que a extraordinária imaginação do conselheiro Alves Ferreira transformou em contratos falsos, tomaram-se compromissos entre o Banco de Portugal e o Angola e Metrópole, entre este e Régio Chaves, Alto Comissário de Angola. E tudo ia bem no melhor dos mundos possíveis. Mas de repente veio o alarme. Ultramarino tem o rival Angola e Metrópole e faz escondido, um escândalo desorientado atribuindo ao novo organismo financeiro perigosos capitais alemães. Descobrem-se as notas e o Ultramarino, por intermédio de *O Século*, faz um ruído ensurdecedor, mal pensando que as notas falsas... eram verdadeiras e que tinha sido o Inocente Camacho quem as mandava estampar.

O resto conhecem os leitores. Como se verifica claramente, esta emissão de notas de 500 escudos é falsa como as emissões anteriores autorizadas pelo António Maria da Silva, e executadas pelo Banco de Portugal.

Se é crime o Angola e Metrópole passar a moeda falsa que o Banco de Portugal mandou estampar, não menor crime tem sido a passagem de notas falsas que há tantos anos o Banco de Portugal vai fazendo.

Acusações alheias

Verifica-se, pois, que o Banco de Portugal, desta vez como das outras, estampou, ou mandou estampar as notas. E' moedeiro falso. E incumbiu o Angola e Metrópole de passá-las. Isto é mais claro do que a água límpida das fontes.

Neste caso as responsabilidades na emissão secreta das notas de 500 escudos tipo «Vasco da Gama» pertencem ao Banco de Portugal e são idênticas às que lhe cabem em crimes semelhantes praticados anteriormente.

Ora, segundo os que no parlamento têm discutido a gravidade da emissão secreta dessas notas, o crime dos ministros das finanças e do Banco de Portugal é classificado de cunhagem e passagem de moeda falsa.

O sr. Alberto Xavier referindo-se a este acto criminoso, tem esta opinião clara e concluente:

De maneira que essas notas são, na realidade, notas falsas.

Se o próprio Banco de Portugal emitir notas sem autorização legal clara e insofisfável, este facto envolverá responsabilidade criminal para os seus dirigentes e executivos. Não há diferenças na situação jurídica que é absolutamente idêntica.

Do mesmo modo, o governo, ordenando emissões ilegais dessas notas, pratica um acto criminoso, sendo os seus membros responsáveis como quaisquer cidadão autor de moeda falsa.

Por repetirmos estas verdades que o sr. Alberto Xavier tão à vontade e com tanta energia proclamou no parlamento, estamos envolvidos em onze querelas. Não as tememos. Iremos aos tribunais. Temos a certeza de que as nossas melhores testemunhas serão os srs. Alberto Xavier, Cunha Leal, Almeida Ribeiro, Carvalho da Silva, Jorge Nunes. Tememos apenas que o sr. Cunha Leal vá para o tribunal mentir patrioticamente...

A vida social na Rússia

Política económica—Supressão do alfabeto turco—O assalto ao emprego público—O número de abortos não excede a natalidade—Relações económicas com a Polónia

MOSCOVO, Março.—O conselho de trabalho e defesa decidiu a vinda para os soviets de cerca de 200 engenheiros e técnicos de indústria para cooperarem no levantamento económico do país. A maior parte dos técnicos deverão ser contratados na Alemanha e na Áustria.

—Verificando-se que a feira comercial de Nijni Novgorod não corresponde às necessidades contemporâneas, foi incumbida uma comissão de estudar a forma de a extinguir. O relator desta comissão emitiu o parecer de que a única vantagem desta feira é manter uma ligação entre a Rússia e o Oriente, especialmente a Pérsia, acrescentando, porém, que este ano a participação do Oriente foi muito menor, dando à feira um balanço negativo.

—Por decreto de 5 de Março corrente, o comité central da Transcaucásia torna obrigatório o emprego do alfabeto latino para as línguas turca, turkmena, azerbeijâne, etc. Até à data, era facultativa a transcrição de signos árabes em documentos latinos. O decreto agora publicado foi determinado pelas conclusões a que chegou a conferência de professores tueologos, tem-se feito sentir muito a falta do alfabeto que os traiçoes gastaram estúpidamente com luxo, orgias, automóveis e amantes, os comerciantes de Almeirim imaginaram reagir a procissão dos Passos a vez de quem podemos hoje apelar, visto que aqueles que nos governam, burlões e falsários, que roubam eleições como quem rouba um cacho de uvas, que emitem notas falsas como quem escreve um postal à família, estão todos de mãos dadas para nos entregarem a essa megera de cabelos, hirsutos e de afiadas garras, que se chama a reacção.

Contaram-nos isto:

Como o comércio esteja periclitante, pois tem-se feito sentir muito a falta do alfabeto que os traiçoes gastaram estúpidamente com luxo, orgias, automóveis e amantes, os comerciantes de Almeirim imaginaram reagir a procissão dos Passos a vez de quem podemos hoje apelar, visto que aqueles que nos governam, burlões e falsários, que roubam eleições como quem rouba um cacho de uvas, que emitem notas falsas como quem escreve um postal à família, estão todos de mãos dadas para nos entregarem a essa megera de cabelos, hirsutos e de afiadas garras, que se chama a reacção.

Presentemente, Moscou está convencido de que poderá provocar conflitos internacionais cujas custas o povo pagará.

Não crê que os fascistas da Cruzada Nun'Alvares conseguiram concentrar vinte mil homens em qualquer ponto do país. Diz que o perigo em Portugal não é de fascismo, é de riverismo. Os homens da Cruzada andam fazendo propaganda pelos quartéis. Existe, portanto, o perigo de um dia pelo telefone, como o fez Primo de Rivera, darem um golpe de Estado. E entre dois maiores—o riverismo e o estado presente—escolhe o menor.

Estamos colocados—disse o orador—nesta triste situação: fazer o jogo do partido democrático para não suportar a ditadura das espadas.

Afirmar ser esta a triste verdade. Entretanto, tem esperanças de que não se eternizará esta situação.

Mas o Governo Civil impõe-se e parece que estava mesmo resolvido a não acatar as resoluções do Governo. E, para se colocar bem com Deus e com o Diabo, e, sobretudo, com o fim de não sofrer as vaidades dos seus correligionários, arranjou o sr. Mário Forte uma genial fórmula:

—A comissão seria composta apenas por democráticos; e, para realizar a procissão, teria que depositar no G. Civil de Santarém a quantia de 1.500\$00 para os pobres de Santarém, sem se dizer se tal quantia deveria ser entregue aos pobres de espirito aos demais pobres. E, o que é facto é que a comissão—composta certamente de comerciantes pobres, que vieram mendigar uma procissão para ganharem alguns centavos depositou 1.500\$00 que não de certamente entrar em linha de conta na exploração que pretendem exercer sobre os forasteiros de Almeirim.

E o sr. governador civil, pessoa muito

A campanha contra a ameaça fascista intensifica-se, acorrendo o povo às conferências e sessões em grande número

Como estava anunciado devia realizar-se ontem pelas 21 horas na sede da Universidade Livre uma grande sessão contra a tentativa fascista, na qual usariam da palavra o dr. João Camoeses, António Peixe e Mário Domingues.

A hora indicada já no largo da Universidade Livre, se aglomerava grande multidão que não podia ingressar na sala onde a sessão deveria realizar-se em virtude da porta se encontrar fechada e o contínuo daquel a agremiação tardar em aparecer.

Como a demora fosse demasiada resolreu-se a comissão realizar a sessão na sala de festas da Construção Civil, na calçada do Combro.

O salão encheu-se completamente.

Alexandre Vieira, em nome da comissão, disse das razões daquela sessão e deu a palavra ao nosso camarada Mário Domingues.

O orador não temo o fascismo em Portugal. Meia duzia de vaidades que o pregam não ofereceriam grande perigo se os erros e os desmandos da república não lhes estabelecessem ambiente propício. A república afastando-se das classes operárias, faltando aos compromissos que com elas firmara, abandonando o problema da educação, dando dia a dia o vergonhoso espetáculo da desmoralização, da mentira e do roubo, poderia dar aos chefes desprestigiados do fascismo um prestígio que afinal elas também não têm. Para combater o fascismo talvez nem necessário seja vir a rua e pegar em armas. Basta obrigar a democracia portuguesa a cumprir o seu dever.

Combatir os desmandos da república é combater o fascismo nascente—por que sem esses desmandos este não terá possibilidades de triunfo.

Não têm os fascistas portugueses grandes forças ao seu dispor. E' certo que a grande imprensa lhes faz o jôgo. Mas essa imprensa venal e desacreditada, a despeito da sua tiragem, não representa uma grande força de opinião pública. A grande maioria dos jornais de grande circulação têm-se, mas ninguém os acredita.

Só um golpe de surpresa os fascistas poderiam vencer. E' contra essa surpresa que o povo deve estar preaviso, mantendo-se unido, solidário e energico na luta.

Fala o dr. João Camoeses

Alexandre Vieira deu em seguida a palavra ao dr. João Camoeses que, diz que não vai tratar da defesa do partido democrático ou da república. Trata-se de uma sessão contra o fascismo em Portugal. E' esse crime que é preciso atacar.

São as chamadas classes conservadoras que preconisam o fascismo. Mas claramente contradizem-se constantemente. São pela ordem e provocam a desordem, são pelo nacionalismo e querem implantar um processo estrangeiro de governo.

Sente-se a necessidade de se criar em Portugal uma imprensa incorrupta e independente.

Represe as perseguições feitas à liberdade de imprensa e de opinião pelo negregado fascismo, que detém violentamente a opinião nacional.

A pesar da repressão, uma ou outra vez

contra a invasão espanhola, as lutas populares do constitucionalismo, a escalada de Mon-

Santo.

Represe as formas tradicionais de ação nos momentos de crise em vários países.

Em Itália os grandes movimentos sociais fizeram-se sempre por grandes massas humanas alucinadas conduzidas por um homem, príncipe, no império romano, *condottieri*, na Renascença, Garibaldi, para unificação da Itália, à frente dos seus caminhos vermelhos, agora Mussolini conduzindo os caminhos negros.

A característica de reacção social em Espanha é o pronunciamento. Quando organiza-se a tropa, pronunciamento militar; quando os desmandos da república realizados atentado. Depois de assaltar sindicatos e agremiações operárias, dispersando e assassinando os elementos mais ativos, fácil lhe é em seguida ir esmagando as organizações católicas e maçónicas, tornando-se os caminhos negros.

Represe a guerra que veio despertar ancestrais instintos. Como reacção contra o barbarismo e ambiente guerreiro, surgiram então os movimentos de conquista operária. E a burguesia viu-se forçada a ceder terreno à onda que avançava. A própria burguesia, pela voz dos aliados, veio pôr uma nova era de ampla democracia. Esses largos princípios pregados visavam a fazer com que as massas proletárias fôssem de boa vontade para a carnificina, na mira de alcançar regalias morais e materiais de maior vulto.

A revolução russa contribuiu também para animar as esperanças emancipadoras das massas trabalhadoras. E em Itália o povo trabalhador faz o movimento da toma das fábricas. Estes factos, esta ânsia de liberdade aterrorizou a burguesia capitalista. Esta compreendeu que havia cedido demasiado terreno. Neste ambiente de reacção burguesa, fácil foi a Mussolini dirigir o golpe contra as forças revolucionárias, cansadas dos esforços realizados até então. Depois de assaltar sindicatos e agremiações operárias, dispersando e assassinando os elementos mais ativos, fácil lhe é em seguida ir esmagando as organizações católicas e maçónicas, tornando-se os caminhos negros.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A Batalha*, que se refere às afirmações do futurista Marinetti que exalta as qualidades dos italianos e chega a dizer que o último dos italianos vale por mil de cidadãos portugueses.

Presentemente, Mussolini no seu desvairamento sonha com a conquista do mundo.

Cita o orador uma correspondência publicada há dias em *A B*

PST!
Se quiser passar
uma noite agradável
vá hoje ver
o interessante
Pão de Ló
ao
AVENIDA

paganda do que o passado tem de impre-
gressivo e estagnante, clamando por fan-
tasmas, sem terem a coragem nobre de encarar
e seguir as aspirações do futuro, do
futuro que será sempre melhor que o pre-
sente.

As sociedades serão tanto melhores quan-
to mais se sentir o culto da razão, do senti-
mento e da Liberdade.

Refere-se às origens do fascismo, que é
apenas a união dos reacionários contra as
aspirações da Humanidade.

O fascismo é a reacção das classes con-
servadoras contra os progressos revolu-
cionários do Socialismo.

A Itália é país de tradições de violência
e de imaginação excitada. Tinha de ser,
portanto, já por atavismo, o berço da mais
brutal ditadura. Mussolini querer ser César,
maior que os Césares romanos—Júlio
César, que Mussolini querer imitar, era cal-
hão como o fundador do fascismo... Ora,
Mussolini foi sempre um modesto profes-
sor primário, não poderá ser um César, e
a sua psicologia é a do "condottiere", dos
bandidos de Campagna. Mussolini nem se-
quer é intelectual.

Por toda a parte, no estrangeiro e no
país, Mussolini revela o seu ódio à Libe-
rda e à Intelectualidade. De vez em quando,
um sicário seu vai matar um homem que
protesta.

Mussolini nunca será um César: será
sempre um cão miserável. Júlio César afi-
ava nas ruas de Roma os nomes dos ho-
mens que deveriam ser mortos. Mussolini
quer seguir-lhe o exemplo, até nas cidades
estrangeiras.

O receio do fascismo em Portugal não
deve fundamentar-se, não só pelas tradições
que possui como por não haver o greg-
arismo, isto é, uma massa popular uniforme.
O que devemos recuar é esta incerteza que
anda no ar, ameaças vagas, tentativas que
se fazem na sombra. Todos os meses oscila
a báscula da ditadura, de forma que passa-
mos a desconhecer qual ditador virá opri-
midos.

Temos de lutar contra o desvairamento
de chefes sem inteligência que fazem a apo-
logia do poder militar em conjuras subter-
râneas. A revolução tem de ser dos homens
do futuro, porque uma revolução não é o
regresso ao passado, mas uma rápida evo-
lução para novas regras sociais.

É possível que estejamos lutando contra
sombrias, mas é bom para todos que se
evite a materialização dessas sombras.

Não queremos ditaduras: nem militar,
nem política, nem partidária. A Liberdade
existe na consciência dos homens; matá-la
é aniquilar vida.

E até à última energia do nosso sangue
devemos lutar pela Liberdade.

Assim se encerrou esta bela sessão, em
que todos os oradores eram entusiasticamente
aplaudidos pela enorme assistência.

As conferências de amanhã

Realizam-se amanhã, pelas 21 horas, con-
ferências nos seguintes locais:

Associação dos Descarregadores de Mar
e Terra, Calçada de Castelo Branco Sarai-
va, n.º 4, 1.º;

Sindicato dos Arsenalistas de Marinha,
Calçada da Graça, n.º 12, 1.º;

Sindicato dos Ferroviários do Sul e
Sueste, Casa dos Ferroviários, Barreiro.

A viagem Espanha Argentina

E' solenizada
na próxima segunda-feira
no Teatro de São Luís

O ministro de Espanha em Lisboa, que
se encontra em Madrid e que em breves
dias deve regressar a Lisboa, enviou ao sr.
governador civil a partitura completa para
a banda da *Canção do Soldado*, obra prima
musical do grande maestro D. José Sere-
rano, letra de Sinesio Polgardo que vai ser
executada na próxima segunda-feira, no sa-
lar que se realiza no Teatro de São Luís,
de homenagem à nacionalidade espanhola
pelo exito da viagem aérea de Palos a
Buenos Aires. Os solos da *Canção do Sol-
dado* são cantados pelo tenor sr. Almeida
Cruz e pelo soprano lírico Maria Pires
Marinho, com acompanhamento de massas
corais das companhias de opereta Arman-
do Vasconcelos, Eden Teatro, Maria Vi-
tória, António de Macedo, Oscar Ribeiro,
Almeida Cruz e Teatro Joaquim de Almeida,
num total de 120 coristas de ambos os
sexos.

O maestro Fão da guarda republicana,
começou já a dirigir os ensaios da *Canção
do Soldado* tendo por sua vez o aplaudido
maestro Luís Filgueiras tomado a seu cargo
a direcção dos coros da canção *Alma
Portuguesa*. Ambas estas canções com que
fecha o programa do sarau serão acompan-
hadas por uma grande orquestra e pela
banda da guarda republicana.

Um dos numeros mais interessantes do
programa é a apresentação do concertista
violinista espanhol sr. D. Francesco Benetó,
que executará a solo as arias "Bohemianas" de
Sarasati com acompanhamento da banda
da Guarda Republicana o que pela primeira
vez se faz entre nós.

Vários artistas da Companhia de Opera
Lírica do Teatro de São Luís tomam parte
no sarau bem como a ilustre professora de
canto sr. D. Emiliana Salgado, soprano li-
rico, 1.º premio do Conservatório Real de
Madrid.

O poeta Silva Tavares escreveu para esta
festa a inspirada poesia *Salvad-Bemida seja
eternamente a Espanha*, que será recitada
pela actriz Palmira Bastos, Amélia Rey
Colaço recitará versos de Campoamor.

O Teatro São Luís apresentar-se-á de-
corado com plantas, flores, colchas e ban-
deiras estando essa decoração a cargo dos
jardineiros da Câmara Municipal de Lisboa.

Amanhã no Teatro de São Luís começará
venda de bilhetes ao público para o sarau.

Morte suspeita

BERLIM, 18. — O engenheiro alemão
Schultz, preso como indicado no caso das
notas falsas do Banco de França, morreu
subitamente.

TIVOLI
Tele. N. 5474
A's 8 314
**MAGNÍFICO PROGRAMA
DOIS ESPLÉNDIDOS "FILMS"**
Antepenúltima exibição
GRIBICHE
Comédia em oito partes adaptada por Jacques
Seydel da novela de Frederico Boulet
A's 10 314
LOUCURAS DUMA NOITE
Super-produção em sete partes com
BARBARA LAMARR
Uma panorâmica
Um "film" de desenhos animados

**A greve dos Ferroviários
de Lourenço Marques**
**Azevedo Coutinho continua a mentir
sem rebuço**

Da Arcada foi-nos enviado o seguinte
comunicado:

«O alto comissário de Moçambique tele-
grafou ao ministro das Colónias, comunicando
que chegou ali o pessoal da brigada de
mecânicos e do batalhão de sapadores,
que conjugado com a saída do transporte de
guerra *Gil Eanes*, que levou para a illa
de Moçambique os membros do comitê
operário, deu como resultado inscreverem-
se grande número de antigos elementos do
caminho de ferro e pôr daquela cidade,
tendo a respectiva direcção admitido mu-
chos depois de feita a necessária selecção,
estando as oficinas a trabalharem já com
mais de cem operários. Alguns serviços es-
tão completamente normalizados e outros
caminhando para uma rápida normalização.
O governo da província, continua na dis-
posição de facultar a repatriação dos ele-
mentos que não forem admitidos, se depois de
decorrido determinado prazo não con-
seguirem obter qualquer outra colocação
na colónia.»

O referido funcionário, informa mais que
só em circunstâncias muito extraordinárias
que o tem levado a adoptar medidas ex-
cepionais, destinadas a garantir a segu-
rança dos comboios, e que se tem recor-
rido a tropas indígenas para manter a or-
dem, é devido a não estarem completos os
efectivos das unidades europeias, mas que
as referidas tropas indígenas, só são em-
pregadas em níveis, mas sempre comandadas
por um oficial europeu ou por um
grauadado também europeu.

Comunica também que se fazem actual-
mente dezoito comboios diárias, ascendentes
e descendentes, explicando que o colo-
nial a carregam com grevistas atrelada a
seguir à máquina, em comboios de carga
pesadíssima, seria bastante perigoso e co-
locá-la à frente da máquina a tirar a vista
ao maquinista, acrescentando que em vista
do exposto, a única solução a adoptar é
que for levada a efeito, fui a do vagão de-
vidamente resguardado, em que só seguem
homens e estes bem tratados, terminando
por dizer que muitas das informações es-
palhadas são tendenciosas e que têm única-
mente o fim de combater o governo da
província.»

As experiências demonstram que tem
sido a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Paes estabelecesse seu luxídio trono, de
trágica memória.

Emfim, tantos são os exemplos que fasti-
ficiam a ação directa das classes que tem
conduzido os trabalhadores à eliminação
da tutela opressora, e nunca a participação
nos órgãos do estado capitalista que torna
esteril todos os esforços dispensados. A
história é fértil em ensinamentos. Foi por
acaso a Assembleia Nacional capaz de opor-
se ao imperialismo de Napoleão III? Não:
foram as massas populares, que num
gesto revolucionário o abateram.

Em Portugal temos o exemplo frisante
de que o Parlamento, com uma maioria
democrática, não obstou a que Sidonio
Pa

PARA MEDITAR

Evoca-se a guerra de 1914 e as Conferências da Paz

Aqueles espíritos desempoeirados que assistiram a todo o desenrolar da terrível guerra europeia e que têm vindo observando com atenção e serenidade essas conferências de paz que o mundo burguês tem projectado desde o célebre tratado de Versailles; todos esses espíritos cultos, justos e sinceros, que conhecem muito bem as artimanhas burguesas e que lutam pelo advento dumha sociedade de redenção humana, vêem claramente que essas conferências de paz, são puras ilusões, esperanças vãs e superficiais, saídas d'esse vasto oceano de política e inspiradas nas antemáscaras das potências vencedoras, na ansia de esmagar os vencidos e ludibriar os ingénuos.

Entendo hinos de paz em nome dos direitos e da liberdade dos povos, vãos os seus grandes arsenais construindo instrumentos de guerra e de morte, anuncianto futuras lutas sangrentas que levarão à prática, se as classes produtoras, internacionalmente unificadas, não puzerem um forte cíque à marcha guerra da burguesia, proclamando uma verdadeira era de paz e liberdade.

* * *

A guerra, esse monstro terrível que, surgiu sempre em nome da liberdade, sufocava e assassinava essa mesma liberdade:

Apoiada na razão da força que lhe tem oferecido a ignorância dos povos, arrasta, pela cega disciplina militar, soldados para o campo de morte, como gadopos o matadouro. E depois ao som metálico dum clarim, lançam-se os mesmos soldados furiosamente contra os seus irmãos de miséria, sem que nunca os tivessem conhecido nem deles sofrerem qualquer agravo.

Maldiva seja tu, oh guerra, e mais os teus autores!

Fomentas a morte, semeando o luto e a dor. Os teus canhões revolvem a terra produtiva e fecunda.

Devastas tudo por onde passas, incendiando cidades, vilas e aldeias. E's o maior crime que existe sobre a terra, crime que a história dos povos ainda hoje infelizmente registra como actos heroicos, erigindo-se, em nome da pátria, por ignorância ou má fé, estatutas às altas personagens guerreiras, estatutas que são cimentadas com o sangue e com as lágrimas dos povos.

Nós, os que trabalhamos e lutamos com a miséria, queremos a paz, é certo, mas uma paz sem exércitos, sem canhões e sem mortalha.

Desejamos que os quartéis, antros de vício e de crime, se transformem em fábricas de produção ou em escolas profissionais. Precisamos que os milhões de homens que aos vinte anos são arrancados ao trabalho dos campos e das fábricas, não sejam afastados do seu árduo labor, e que esses milhares de toneladas de ferro e aço que se empregam na construção de instrumentos mortíferos, se apliquem em ferramentas que tragam o auxílio ao brago produtor e satisfazam as necessidades gerais.

E' esta a paz desejada por todos os que trabalham, pois que são eles os que mais sofrem as funestas consequências de todas as lutas guerreiras.

* * *

Disseram os aliados que a guerra de 1914 era a guerra do direito e da liberdade dos povos, pois que o seu objectivo consistia em derrubar o imperialismo alemão e o seu poder militar.

E' com essas frases bonitas, mas venenosas, conseguiram levar as massas ignorantes a caminharem para a horrível carnificina que tantos horrores e miséria trouxe à humanidade.

Deu-se começo à hecatombe e, os campos, cultivados e regados com o suor dos produtores para deles extraír a preciosa alimentação, foram transformados em terríveis recintos de batalha.

Os cantares alegres dos pastores e das teiriras, acompanhados em círculo pelos gorjeios suaves e encantadores das aves, foram substituídos pelo troar do canhão e da metralha. Desapareceu a vida, a alegria para dar lugar à morte e à tristeza.

Começou a peleja e os homens, vergonha do século XX, bateram-se ferozmente.

Decorreram quatro anos de lutas horripilantes. Os mortos e os mutilados foram aos milhares!

Todas essas vítimas do capitalismo se bateram pela Liberdade, mas terminada a guerra, que friste foi a desilusão para os ingénios que acreditaram nessa decadentada Liberdade...

Venceram-se os impérios centrais e o seu poder militar, é certo, e se muito nos regosso é acontecimento, não podemos esquecer que ficaram de pé os imperialistas.

Outros reformados, advertidos a tempo, escapam a esta emboscada, e introduzem-se em Amboise, divididos em pequenos grupos. São aí presos e executados sem mais forma de processo.

«Não se passava dia nem noite, diz uma testemunha ocular, em que se não matasse um grande número deles, e todos pessoas de consideração; uns eram afogados, outros enforcados e outros decapitados. Mas, coisa singular e desusada sob todas as formas de governo! — as vítimas eram levadas ao suplício, sem que lhes proferisse a sentença, sem que ao menos os seus nomes fossem pronunciados!...

«Era costume reservar para tarde, depois do jantar, a execução dos principais destes herejes, a fim de distrair as damas, que muito se aborreciam de viver neste lugar.

«E, em verdade, elas e os Guises lá iam todas as tardes para as janelas do castelo, gosar aquele sanguinolento espectáculo, como se fossem para o teatro assistir à representação de uma comédia.

«O rei e seus irmãos compareciam também aos espectáculos, e os pacientes eram-lhes mostrados pelo sr. cardenal de Lorena, com os sinais de um homem muito satisfeito, a fim de excitar o ódio dos jovens príncipes contra os herejes.

«Quando algum deles morria corajosamente, logo dizia o cardenal:

«Vêde, Senhor, que audácia a destes malditos danados! Nem o medo da morte lhes diminui a malda de e o orgulho! Oh! o que elas não fariam se apinharem Vossa Magestade em seu poder!»

O príncipe Condé, chefe provável da expedição, tinha ido a Amboise ao mesmo tempo que os outros reformados; mas, como nenhuma acusação se podia formular contra ele, os Guises não se atreviam a mandá-lo prender. Ele pôde, portanto, sair de Amboise esperando um momento mais próprio para se pôr à frente do movimento protestante.

De todos os pontos da França se pedia a convocação dos Estados gerais. Aí os católicos reclamavam

reformas urgentes. Finalmente, os huguenotes esperavam que fosse decretada a liberdade de consciência.

Os Guises, querendo arruajar uma assemblea nacional hostil à nova religião, tinham ordenado a todos os parlamentos que ninguém fosse enviado aos Estados gerais sem ter feito uma profissão de fé católica, apostólica e romana.

Os recalcitrantes não podiam ser eleitos, e deviam ser imediatamente presos e julgados, e os seus bens confiscados.

Os deputados deviam reunir-se em Orleans, para onde estava convocada a assemblea nacional. Os principais de sangue e os grandes oficiais da coroa, o príncipe de Condé, o rei de Navarra, Coligny, seu irmão Dandolot, e outros chefes protestantes, que tinham de assistir, por direito de nascimento ou pelas funções que desempenhavam, à abertura dos Estados, deviam ser intimidados, sob pena de morte, a assinar uma profissão de fé católica.

António de Bourbon, rei de Navarra, e o príncipe de Condé, foram presos assim que chegaram a Orleans. Nicolau Mouche, escudeiro do almirante Coligny, contou-me, a mim, António Lebreton, que escrevo estas linhas, que nos arredores de Orleans, o almirante tinha encontrado um huguenote fugindo da cidade onde, dizia ele, tinha já chegado quarenta carrascos dos mais bárbaros dos lugares circumvizinhos, vestidos todos com libres iguais, das cores dos panos do cadafalso. Eles deviam, segundo se dizia, cortar a cabeça ao príncipe de Condé, ao rei de Navarra, a Coligny e a outros senhores herejes. Além disso, devia também haver uma grande matança em Orleans, e os habitantes tinham ordem, sob pena de morte, de não sair de suas casas nem aparecer às janelas depois do meio dia. A tropas tinha sido prometido o saque da cidade.»

Coligny sorriu e seguiu o seu caminho em direção a Orleans. Um feliz acaso o salvou, a ele e a tantas outras vítimas, do assassinato premeditado.

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L. DA
LOLES, VENTOINHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

A ÚLTIMA HORA

Acabam de chegar ao DEPÓSITO
DA COVILHÃ

Rossio, 93, 1.º — LISBOA

GRANDES quantidades de peças de ricos estanques metálicos, pretos e azuis para FATOS e SOBRETUDOS e ricas casimiras de fantasia.

Boas sarjas, gabardines para vestidos de senhora.

Vendas directas da Fábrica no público.

Têm já feitos e fazem-se por medida fatos, sobretudos e abafos para senhora com a máxima perfeição e rapidez.

Tenha amostras para a província e ao domicílio.

Tenha amostras para a província e ao domic

A BATALHA

Foram muito concorridas as sessões de propaganda anti-fascista

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Como Azevedo Coutinho é tratado em Moçambique nos panfletos que os estrangeiros ávidamente leem

Essa sombra de governo que tripudia sobre os interesses de Portugal, parece que na sua criminosa teimosia de não demitir imediatamente o Alto Comissário Azevedo Coutinho, — alega ser preciso manter o princípio do prestígio da autoridade que frequentemente ficaria abalado com o triunfo dos trabalhadores dos C. F. L. M.

Para estes homens de *ordem*, o «prestígio da autoridade» é a muleta que ampara todos os crupulosos, todos os incompetentes, todos os tiranos: — para os que trabalham, produzem, amam e sofrem, esse prestígio, porém, só pode residir e manter-se nos indivíduos que pela sua conduta privada e pública, pelos seus actos de administração e pelos seus gestos de justiça, conseguem manter-se superiores aos interesses privados identificando-se com as aspirações colectivas.

Ora em Azevedo Coutinho, por mais que queiram, não é possível encarnar o prestígio da autoridade. Seria preciso para isso, que a sua conduta, privada e pública, fosse isenta de manchas, — e ela tem as sombras mais carregadas que é possível imaginar, algumas reflectindo-se, de processos que se arrastam, com grave escândalo, pelos tribunais da capital; e os seus actos de administração, documentados em *A Batalha*, atestam, a par da mais descompassada incompetência, a nefasta obra de um louco perigoso, a precipitar num abismo horrível uma Colónia que possui recursos formidáveis para alcançar um futuro largo e próspero.

Portanto, não é possível manter o prestígio a uma autoridade que nunca o teve. A um governante que, antes de desembocar em Lourenço Marques, já tinha dado o direito, a toda a gente, de lhe comentar, com ironia e até com desprezo, a conduta privada e pública.

Depois, a ação deletéria de Azevedo Coutinho, traduzida no manifesto proposto que tem demonstrado de si divorciar das aspirações colectivas para abraçar os interesses privados, conduziu-nos ao mais desprezível conceito administrativo dos estrangeiros que enxameiam a capital de Moçambique e dos governos das colónias que cercam aquela província, ao mesmo tempo que reduziu a uma situação affitiva, muito próxima da falência, todos os homens que se lançaram em empreendimentos económicos.

Para círculo, Azevedo Coutinho lançou-se na mais feroz perseguição à classe ferroviária, diananando de seu gesto desastrado e despótico o rasgamento de tódas as garantias, de todas as liberdades constitucionais, prisões sem conta, deportações, desordens de toda a espécie, supressão da liberdade de imprensa, compra de malandretes à custa das magras receitas públicas, prejuízos incalculáveis para o Estado, violências, mortes e caos na administração, o terror nos espíritos...

Pode residir o princípio da autoridade, o seu prestígio e função, em tal despotismo de tirano e mentecato?

Não pode.

Vamos ver, porém, desde que foi suprimida de todo a liberdade da imprensa em Lourenço Marques, como a tormenta ruge em panfletos que os estrangeiros ávidamente lêm, rebolando-se de gôzo. Vamos ver de que prestígio se acha cercado, na província que espesinha e afronta, o Alto Comissário de Moçambique, extraíndo dum «carta aberta» a ele dirigida, os seguintes períodos:

«E tempo excelência de vos retirardes, para bom nome desta amargurada província, que geme e baqueia sob o peso de tanta ignomínia.

Estamos próximo do fim desta tragédia, evitai o desfecho, não espereis que o pano desça sob a vossa cabeça de governante. E' doido o povo quando se sente oprimido...

Deixai o lugar que usurpastes tão vilmente, a quem saiba governar com honra e dignidade e, sobretudo, saiba ser português. Patenteai a vossa inferioridade moral e intelectual, fazei as malas, levai o palácio e os automóveis se assim o desejardes, mas deixai a província, e isso bastará para que o povo se sinta satisfeita. Sobretudo leva a canalha, a quem pagais tão generosamente; levai essa escória de gatunos, gatunos de dinheiro de subscricções, traidores, incendiários, falsificadores, bigamistas e assassinos, etc., de quem sois cúmplice e principal chefe.

E' este o caminho da liberdade para vós e para o povo, não deixais pois, cair o pano desta infame tragédia sobre a vossa demitida cabeça.

Nestas linhas vai a voz do povo, a voz da consciência, a voz da martirizada província.

Fora, gritará toda a população se lhe perguntardes qual a sua opinião sobre os actos do vosso crupuloso governo.

Democrata... Democrata... Como é vila essa vossa hipocrisia, se nem sequer sabeis definir essa sublime palavra que se chama Democracia.

Vitor Hugo... Até o vosso nome foi roubado ao grande escritor que o mundo admira e venera, enquanto que vós, reles usurpadores, sois odiado por quantos vos conhecem, e o resto do Universo rir-se-á de desprêzo se soubesse da vossa existência.

Nessas veias que atravessam a vossa raquítica constituição orgânica, vegeta e vive um sangue que não é nosso, porque nem na Pátria Portuguesa vos foi dado nascer.

Sois, enfim, uma espécie de mongólico com pretensões a mandarim do solo Luso, onde vive um povo, pleia de heróis, que em breve vos arrastará para a galeria dos criminosos célebres.

Sóis ignorante, não ligais importância ao povo e deixais à rédea solta quem outrora nos comícios, pregando democracia, se apresentava em pleno verão, de sobretudo reles e pulido, para que se lhe não vissem os fundilhos rotos, mas o povo que tudo vê, viu esse miserio pregando a liberdade, e hoje lê as leis que nos Boletins Oficiais, esse malandrin faz, e manda colocar nas ruas, numa incompreensível prosa e num indecente português: esse homem é o célebre secretário do Interior, ex-faminto e

CONTRA O FASCISMO

Hoje, mais duas conferências: na Associação dos Alfaiates fala o dr. Ramada Curto

Assunto conquistador da gama, e para vergonha nossa, esses mesmos Boletins foram rasgados pela própria autoridade policial, de que um ilipitano diz ser chefe supremo, e é capitão por falta de craveiras. Arrastado assim, onde está o prestígio de Azevedo Coutinho?

No espírito dos que rafeiram se lhe venderam pelo prato de lentilhas do prémio das transferências?

No espírito dos que sabujamente se lhe deitaram os pés roendo os ossos de empregos?

No coração da escória de gatunos, traidores, incendiários, falsificadores, bigamistas, assassinos?

Ah! que se o prestígio da autoridade tem de assentar em pilares tão fortes, então, sim, Azevedo Coutinho tem escoras de primeira grandeza; mas se tem de alargar-se nas suas obras e de reflectir na opinião honesta e independente, — o Alto Comissário de Moçambique é já um morto em adiantado estado de putrefacção, a quem nenhum homem de honra, vergado pelas desertas da nossa mais esperançosa e rica possessão ultramarina, deixaria de virar as costas, com horror e com desprezo.

O Ministério, porém, vai aguentando esse farapo humano. O Parlamento, onde têm voz os representantes de Moçambique, suicida-se, conservando-se silenciosamente perante as prepotências, os êrmos, os esbanjamentos, as tiranias, os crimes do «Nero de Moçambique».

E ainda há quem acuse o rai, quando a tormenta, formidável e dominadora, se desencadeia!

Trabalhadores portugueses, — a tragédia de Moçambique segue o seu curso, rugido e ciclopica.

Caem variados, esfomeados nos presídios, arrastados nos vagões-fantasmas, chicoteados nas masmorras, os ferroviários vossos irmãos, — enquanto uma imensa onda de revolta, não obrigar essa sombra de governo que está, a demitir o sobrinho que espioneta em Moçambique sob a repulsa de todos as forças económicas, sociais e políticas daquela Colónia, e apenas com o aplauso de crupulosos e vendidos.

Destes faremos também a história, para se ver a que quadrilha se apoia, em Lourenço Marques, Vitor Hugo, o «Afia Navais».

Estas conferências teem início às 21 horas, sendo a entrada franca.

CONFERENCIAS

Sobre o jornalismo na Rússia

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou ontem o nosso pre-sido colega Reinaldo Ferreira: a sua conferência, subordinada ao tema «Como eu entrei na Rússia», que resultou numa análise brillante e imparcial do estado presente do jornalismo no país dos soviets.

Pelas 13 horas a sala do Sindicato encontra-se repleta, vendendo-se entre a assistência além de muitas senhoras e jornalistas, muitos operários e outras pessoas a quem interessa o exacto conhecimento do que se passa actualmente na Rússia.

Pouco depois dessa hora, Reinaldo Ferreira, sem formalidades de apresentações, que o seu nome sobejamente conhecido de *reporter*, audacioso e brilhante dispensa, iniciou a sua conferência.

Começa por dizer que embora a conferência tenha sido anunciada sob o título de «Como eu entrei na Rússia» — o tema principal será outro.

Conta as dificuldades que se antepõem actualmente, como arame farpado, à entrada do jornalista estrangeiro na Rússia. De 1922 até Agosto do ano passado o Estado soviético favorecia a visita dos repórteres, desejoso de atrair gente aos seus negócios e de terminar com as lendas de terror. Mas desde que Henri Béraud foi à Rússia como jornalista socialista e veio exagerando, e por vezes calunioso, o governo soviético mudou, completamente, de atitude.

O que há de censurar na reportagem de Béraud não é a rotura ou a traição aos seus pactos políticos. Disse o conferente: A mim interessa-me cada vez menos o jornalista com compromissos políticos. A política é, foi sempre um suborno moral, na escravidão profissional para os jornalistas. Refiro-me ao Béraud repórter; o Béraud que foi encarregado de saber a verdade e que trouxe a calúnia, para agradar a patrões. Coincidindo as suas «démarches» com o regresso de Béraud, a embaixada de Berlim negou-se, durante algum tempo, a dar-lhe passaporte. Foi o acaso que, fazendo com que ele se esquecesse da passa na embaixada, na qual se encontravam algumas cartas de amigo, quem perfurou a muralha levantada, obtendo então o passaporte.

Da viagem não mais tem a dizer. O que deseja focar é a imprensa russa.

A Rússia não tem tradições de imprensa. Os que, na Rússia, podiam ser, num jornalismo bem organizado, os panfletários — como Gorki, Chacoy, Andreeff e Tolstoi — preferiram os livros aos jornais. A própria imprensa clandestina, que tão útil é aos oprimidos como foi na Bélgica e como está sendo na Itália, por ter sido feita por profissionais indispensáveis sempre em todas as obras jornalísticas — não teve, na Rússia dos Tsares, uma existência marcante, a-pesar-dos heróis que nela se sacrificaram.

Refere-se depois à imprensa actual da Rússia, com exuberância de bom material e de bom papel — mas monotonamente igual, oficial, sem cér, sem liberdade, sem técnica, sem sabor.

Nos jornais bolxevistas todos escrevem menos o jornalista. Evoca então um incidente da sua viagem à Rússia, que lhe revelou a situação verdadeira do jornalista russo — desprestigiado, enxovalhado, desprezado.

E termina dizendo:

— Na Rússia, existe um gigante que, lentamente, vai dando passos quilométricos; e ao lado corre um amanho, em passos de criança. Não sei qual dos dois chegará primeiro à meta. Ambos têm feito bom e mau. Há boas obras mal intencionadas e más obras que levam uma nobre intenção na sua essência.

Eu tenho querido ser honrado com a minha reportagem e nessa conferência. Passei mas também aplaudiu. Como jornalista, tortura-me pensar nesses nossos irmãos da Rússia, os jornalistas, os que lhes cederam um aumento de 70 centimos por cada hora de trabalho. — H.

Pedreiros franceses

ANNECY, 18. — Terminou já a greve dos pedreiros de Rumilly, após uma última entrevista com os patrões, que lhes cederam um aumento de 70 centimos por cada hora de trabalho. — H.

Bota achada

Na nossa redacção e para ser entregue a quem provar pertencer-lhe, encontra-se uma bota de senhora, em preto e já meio usada.

Para elas, camaradas, para elas a vossa comarcação. Tão longe se encontram esses infelizes que coisa alguma podemos fazer.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

CRISE DE TRABALHO

Os tanoeiros de Lisboa tomam importantes resoluções

Reuniram em assemblea os tanoeiros de Lisboa, sob a presidência de José da Silva, secretariado por Serafim Aranha e Estevão Azenha.

Antes da ordem de trabalhos, Faustino Ferreira protestou contra os manejos dos indivíduos que pretendem implantar em Portugal o fascismo, aconselhando a classe a preparar-se para responder convenientemente a desejos dos ditadores.

Depois de nomeados para a Câmara Sindical do Trabalho José Capelo, José da Silva e Eusebio Ferreira, a assemblea ocupando-se da crise de trabalho que lava na indústria, exproprou o procedimento daqueles operários que vão trabalhar para os arredores de Lisboa por preço inferior ao da tabela, e criticou a atitude dos camaradas do norte que estão emigrando para Lisboa com manifesto prejuízo dos operários que aqui se encontram.

Depois de falarem sobre o assunto alguns oradores foi aprovada uma proposta que estabelece os seguintes princípios: quando algum operário vai trabalhar para os arredores de Lisboa por preço inferior ao da tabela, só poderá voltar a trabalhar na capital depois de uma assemblea assim o resolver, oficiar ao sindicato do norte [não permitindo que venham para Lisboa operários da especialidade enquanto durar a crise de trabalho].

A fim de evitar a introdução do vasilhame do norte foi nomeada uma comissão de resistência a qual ficou composta por José Augusto, Augusto Saravá, Jezuino Freitas, Ramiro Ferreira, e António Oliveira Rocha, comissão que deve verificar quais são as casas que mandam vir tal vasilhame a fim de se proceder para os tanoeiros que lá estejam arranjando o vasilhame.

Foi apreciada a tentativa de redução de salários e de mão de obra levada a efeito no último sábado pelo gerente da firma J. T. Pinto Vasconcelos para com os seus operários tanoeiros, sendo aplaudida a atitude dos operários que souberam responder altivamente dentro das deliberações do seu sindicato.

Por último Faustino Ferreira informou a classe que se pretende pôr em prática um plano maquiavélico, o qual virá agravar mais a situação de todos os tanoeiros em Lisboa.

Segundo asseveraram, ao orador brevemente deve chegar a Lisboa um barco de vela carregado de vasilhame vazio das colónias, o que a verificar-se virá afectar ainda mais a nossa situação. Por isso Faustino Ferreira lembra a conveniência de todos se precarem, não arranjando tal vasilhame visto ele ser prejudicial nesse momento de crise.

Foi ainda apreciada a forma como alguns camarándas estão procedendo, os quais tendo trabalho três dias em uma casa, vão trabalhar os outros três para outra com prejuízo daqueles que se encontram sem trabalho.

Discutido este assunto foi aprovada uma proposta para que nenhum camarándas que tenha três dias vá trabalhar para outra casa enquanto se verificar a crise de trabalho.

Foi aprovado um protesto contra as atrocidades cometidas nos grevistas de Lourenço Marques e contra a pena de que foi alvo o nosso camarada Lúcio dos Santos.

Operários metalúrgicos

A comissão de melhoramentos do S. U. Metalúrgico convida todos os operários sem trabalho que ainda se não inscreveram a fazê-lo na sede do Sindicato, nos dias 20 às 22 horas, a fim de normalizar a nova inscrição.

Operários das obras do Estado e associados sem trabalho

Reúnem ontem os operários das obras do Estado e associados sem trabalho. As comissões de *démarches* explicaram à assembleia o que se passou com os ministros do Comércio e da Instrução sobre o reforço da verba para as obras e aumento do orçamento para o futuro ano económico, e sobre a reabertura das obras dos monumentos nacionais.

Também foram entregues algumas guias a operários sem trabalho, prosseguindo as comissões nos seus trabalhos para serem colocados os restantes operários desempregados.

Ferroviários do Estado

A sua Comissão de Melhoramentos tratou ontem novamente das suas reclamações

Ontem a comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado composta por delegados do Minho e Douro, (União Ferroviária) e Sul e Sueste (Sindicato Ferroviário) avistou-se no Parlamento com o sr. Gaspar de Lemos ministro do Comércio, a quem pediu uma resposta às reclamações entregues já há dias, dizendo o ministro que deve ao enorme trabalho que corre pela sua pasta ainda não pode dedicar-se convenientemente ao estudo da resposta dada às reclamações pelo administrador geral. No entanto a invadir todos os seus esforços para no próximo sábado dar uma resposta decisiva sobre o assunto.

Também a comissão procurou falar com o presidente do ministério sobre o assunto, mas devido a ter sido chamado à sala das sessões não o pôde fazer, ficando no entanto de falar com o seu colega do Comércio sobre as reclamações dos ferroviários do Estado.

Os comissionados mostraram ao ministro do Comércio um ofício enviado da União Ferroviária do Pórtico, demonstrando o estado enervante em que a classe se encontra pela demora na resolução deste momento assunto.

Os bilhetes para esta festa têm sido muito procurados, encontrando-se à venda em quase todos os Sindicatos de Lisboa, bem como na administração de *O Anarquista*, Calçada do Combro, 38-A-2° e na sede da U. A. P., travessa da Águia de Fior, 16. 1°.

Pró prêses

A comissão organizadora do festival em favor dos prê